

JOÃO NINGUÉM

BEATRIZ CHAVES

Chora-ri, canta-soluça, parte volta, parte-canta. Canto que é um soluço.

Barulhos, sons, côres, névoas, ah, que é isto? Que significa isto? Côres, um vermelhão, um azulão, um branco. Mas o branco está destoando. Muito bem, agora ficou vermelhão de nôvo.

João Tudo pensa, pensa, pensa. Anda pensando, pára pensando, chora pensando, ri pensando. Pensando em quê... no amor nada, isto já está fora da «onda». A «onda» agora é viver a vida, aproveitar. João Tudo ri. O amor já não existe mais: imagine que agora propagaram por aí que os sentimentos podem ser controlados. Ou assassinados. Assim, João Tudo não pode mais nem ter amor.

João Tudo é um cara legal. Dêsses que se encontra uma só vez na vida. Ou que não se encontra nunca, se não se quer encontrar. Mas é tão fácil de ver, de falar com êle, de amar com êle.

Ê dêsses que estão no mundo e estão no mundo da lua. Ê dêsses que têm pensar vago, olhar vago, falar vago. Ê dêsses que têm dúvidas, dúvidas, dúvidas: pra que nascer, pra que religião, pra que Deus, pra que amor, pra que falar.

Êsses «pra quês» não adiantam. Êsses «pra quês» atormentam. Coitado do João Tudo. É um João tão bom, bom até demais.

— Ô cara legal, pôxa.

— Tá sempre se matando pra ajudá a gente.

Tadinho do João Tudo.

De vez em quando, de noitinha, êle chega à janela, desnuda o coração, e segura os sentimentos. O amor já não existe. O resto são dúvidas. O que pode fazer? Ajudar, êle ajuda. Dar a mão, êle dá. Tentar fazer pelos outros, êle tenta. Pensar nos outros, êle pensa.

Olha, uma vez, já tava bem escurinho, João Tudo vinha pensando pela rua. Lá na esquina tinha uma dona, com quatro catatauzinhos, que fazia dó. Uns ôlho arregalado, ô frio, ô fome. Coitado do João Tudo. Olhou, parou pensou. Pegou os cinco, levou pra casa, a mãe não deixou entrar, todo mundo com frio, o amor também tava frio. Mais dúvidas para João Tudo.

João Tudo vê um mundo que não é seu mundo; pensa um mundo que não pode pensar; fala um mundo que não pode falar. João Tudo, coitado, João Tudo até sofre. E não podia. Um cara legal como aquêle não podia sofrer, e êle sofre muito, sofre demais. Mas também quem manda êle pensar nos outros, quem manda êle viver pensando, quem manda querer estar sempre ajudando. Era só não ligar, bobagem pensar, deixa os outros, êles que se arumem. Vô viver minha vida, aproveitar, aproveitar. Se os outros choram, deixa pra lá.

João Tudo vê de tudo, ouve de tudo, sabe de tudo. João Tudo, principalmente está em tudo. Lá no morro, com o chorar salgado do canto favelado; lá na cidade, com o empregado que não tem salário; lá na rua, com todos que pedem, e recebem paulada; lá no boteco, com o barulho confundindo o pensa-

mento; lá na festa, com a flor na mão; lá no campo, com o sol nas costas. Lá em tudo, lá em tudo, e não nêle.

Um dia eu conversei com João Tudo. Um dia que lá vai tão longe, tão longe, como João Tudo sempre está. Êle pensou, me olhou, e falou assim para mim: olha, eu acho que não existo mais, eu não sei, mas tá tão vazio aqui dentro de mim, tão vazio, que eu acho que cabe um mundo inteiro. Eu não consegui falar nada, nem tentei falar, porque sabia que êle tinha razão.

Depois, nunca mais vi João Tudo. Sumiu, foi pra longe, como seus pensamentos. Nunca mais o alcancei.

Não sei se falar coitado do João Tudo, ou se invejá-lo. Coitado, porque êle sofre tanto, como ninguém teria coragem de sofrer. Ou se invejá-lo, porque êle não tinha deixado morrer o que o mundo inteiro já tinha amordaçado.

Pobre João Tudo. Êle, que era pra ser mais que tudo, continua sendo para o mundo um João Ninguém.